

## História do Cinema contada com rigor e sem ranço

Ivonete Pinto

O livro de 512 páginas é uma bem sucedida tentativa de atingir um leitor comum através de um único volume. Naturalmente, é preciso ser interessado em cinema para comprar um livro desses, mas não é necessário maior conhecimento prévio sobre a sétima arte para entender a linguagem. O perfil multifacetário do autor, dispensa a faceta “historiador”, lembrando mais um “pesquisador pop”. Escocês, Cousins foi diretor do Festival de Cinema de Edimburgo, é roteirista, crítico e documentarista, tendo dirigido uma série da BBC de Londres chamada *Scene by Scene*, onde entrevistou gente do cacife de um Martin Scorsese, este, uma enciclopédia de cinema ambulante. A tradução brasileira, de Cecília Camargo Bartalotti, nos chega quase 10 anos depois da primeira versão, mas tratando-se de um livro de história, a defasagem não chega a ser um grande problema.

Todo em papel couchet, com imagens coloridas, o autor já avisa na apresentação que pouco lhe interessam as informações sobre aspectos comerciais de um filme, como orçamento e estratégia de lançamento. Por isso, as escolhas de Cousins são abrangentes e ecléticas, indo desde filmes como *Tubarão*, de Spielberg, até ilustres desconhecidos do espectador comum, como *Jeanne Dielman*, *23 Quai du Commerce*, *1080 Bruxelles*, da belga Chantal Akerman. O critério do pesquisador foi estabelecer temas e a partir deles ir analisando diretores e filmes. Assim, temos o tema das comédias de Hollywood (para falar de Chaplin e Keaton), o tema da sexualidade do cinema na Itália (para falar de Pasolini), o triunfo da década de 80: eras de ouro do cinema chinês, Taiwanês, africano e da Europa (para falar de um cinema mais periférico). Não há muitos filmes latinos no livro, mas nossos Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Fernando Meirelles estão lá.

Não se espere textos aprofundados sobre os filmes. Quem quiser conhecer melhor Hitchcock, por exemplo, é melhor comprar



o seminal “Truffaut-Hitchcock”. Quem quiser conhecer o cinema iraniano, melhor ir a uma fonte acadêmica, como “Close:up: Iranian Cinema Past, Present and Future”, de Hamid Dabashi. Mas o elogiável do livro é que essas fontes estão lá e serviram de base para as análises, mesmo que rápidas, de Cousins. Desse modo, além de uma leitura prazerosa para cinéfilos, o livro também pode ser base de consulta para estudantes de cinema. Glossário básico, o indispensável índice remissivo e bibliografia ordenada por regiões do mundo, são itens que ajudam nessa aproximação.

**História do Cinema - Dos clássicos mudos ao cinema moderno. Mark Cousins. Martins Fontes, 2013.**